

HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS E ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA EM COMENTÁRIOS DO FACEBOOK

Silvana da Silva Bezerra

Orientadora: Prof. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

RESUMO: A partir dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Linguística Textual (GELT/UNILAB) acerca da relação entre a teoria das Heterogeneidades Enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1990, 1998, 2004, 2007) e a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) (AMOSSY, 2007, 2011, 2017), este trabalho objetiva analisar o uso das heterogeneidades enunciativas, especificamente, as aspas, nos discursos e interações polêmicas que são atualizadas em comentários de notícias publicadas em páginas do *facebook*. Nossa hipótese é de que as aspas são marcas reflexivas presentes no cotexto e que são instauradas a partir da inquietude crítica do locutor diante do seu próprio dizer. Essas marcas de reflexividade apontam para um fazer argumentativo do locutor em negociação com o interlocutor orientando caminhos interpretativos e levando à persuasão. Pretendemos analisar as relações entre as formas enunciativas da modalização autonímica e as estratégias de persuasão que elas desempenham nos textos. Consideramos que as aspas promovem uma modificação complexa da significação, pois apontam diretamente para o surgimento de uma exterioridade no fio do texto, assinalando um distanciamento protetor do locutor em relação a seu enunciado, fazendo com que ele tenha que lidar com diferentes vozes para se proteger de julgamentos do interlocutor e se tornar, assim, mais persuasivo.

Palavras-chave: Heterogeneidades Enunciativas, Aspas, Persuasão, Argumentação no Discurso.

INTRODUÇÃO

Para Authier-Revuz (1999, 2004), a língua é afetada por uma alteridade discursiva que é natural da linguagem e que pode se revelar no cotexto através de diferentes formas de marcação.

A teoria das Heterogeneidades Enunciativas, proposta pela autora, fundamenta-se em dois exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio do seu dizer e, que, por isso, são articulados ao escopo da Linguística da Enunciação, abordagem à qual Authier-Revuz se filia. São eles: i) a proposição bakhtiniana de que a interação com o discurso outro é lei constitutiva de qualquer discurso e ii) a noção lacaniana de sujeito descentrado, isto é, estruturalmente clivado pelo inconsciente.

Brito (2010) assume que Authier-Revuz proporciona uma “revolução” nos estudos linguísticos ao convocar a psicanálise freudo-lacaniana para a base epistemológica de uma investigação linguística, pois coloca em cena uma concepção de sujeito que destoou da noção amplamente aceita pelos estudos da linguagem até o final da década de 1980, qual seja, a ideia de um sujeito dono do seu dizer e dos sentidos que seus textos veiculam. Para Authier-Revuz, o sujeito não domina por completo o seu dizer e é nessa falha constitutiva do seu discurso que surge a presença do O/outro¹.

Desse modo, a autora descreve, caracteriza e sistematiza uma série de formas linguísticas, identificáveis no cotexto, que revelam a negociação obrigatória do sujeito com as falhas que constituem o seu dizer. Essas formas se apresentam como um modo complexo de enunciar associado à autorrepresentação opacificante² do dizer e compartilham entre si uma mesma configuração enunciativa, a qual Authier-Revuz (1999) categoriza como modalização autonímica.

¹ Segundo a teoria psicanalítica, o sujeito é, por definição, efeito de linguagem, pois dividido entre a representação que faz de si mesmo ao se assumir como um ‘eu’ que fala, já que só é sujeito quando fala, e o Outro que lhe é constitutivo, entendido como as vozes do inconsciente que afloram na superfície do texto.

² Authier-Revuz (2004) propõe a noção de opacificação do dizer opondo-a à ideia de transparência do sentido para tratar dos casos enunciativos em que o signo se interpõe como objeto no cotexto e, por isso, não se realiza “simplesmente”, mas se desdobra sobre si, complexificando-se, tornado-se, assim, opaco, não transparente.

Authier-Revuz (1999) classifica as formas de modalização autonímica em dois grupos: i) as formas segmentais, representadas pela opacificação do elemento X (em negrito) pela retomada reflexiva de seu autocomentário (em itálico) e das quais são protótipos as não coincidências do dizer (1), que, de formas diversas, refletem acerca do estatuto do próprio enunciado, comentando-o pela especificação de um outro registro textual, de uma outra modalidade de consideração do sentido, de uma outra palavra, de um outro interlocutor, e as figuras do bem dizer (2), que evidenciam a escolha “correta” das palavras empregadas pelo enunciador.

(1) O educador não pode **vendre la mèche**, *como dizem os franceses*.

(2) **Bandidos**. *Não existe outra palavra*. Bandidos.

O outro grupo de formas de modalização autonímica é o das estruturas suprasegmentais (aspas, itálico, negrito), que é exemplificado abaixo em (3)³, primeiramente, pela combinação com uma marca segmental de não coincidência do dizer e, em seguida, pela marcação isolada do discurso citado:

(3) Há duas semanas, jovens ocupavam **“pacificamente”** - *para usar o termo preferido de quem acha a juventude vândala* - a Praça dos Leões quando a Guarda Municipal disparou balas de borracha com gritos de **“acabou a festa”**.

As palavras modalizadas de modo segmental e/ou suprasegmental são, nessa perspectiva, “uma pedra no meio do caminho” dos sentidos do texto. Essas estruturas metaenunciativas refletem, assim, a superação de uma barreira (a falha constitutiva da linguagem) que precisa ser ultrapassada tanto por quem enuncia quanto por quem interpreta, para que a coerência textual seja, efetivamente, instaurada.

Dessa maneira, nossa principal hipótese é de que o que existe no trajeto entre a transparência e opacificação da palavra é um processo argumentativo complexo, visto que as escolhas enunciativas intencionais dão ao locutor a ilusão de controle do dizer e orientam o interlocutor para determinado “caminho de interpretação”, no qual o locutor simultaneamente se afirma e se defende de interpretações outras.

³ Os exemplos foram extraídos de um *corpus* de cem casos de modalização autonímica coletados por Brito (2016) em artigos de popularização da ciência, comentários de leitores da página da *Folha de S. Paulo* no Facebook e notícias publicadas na internet.

A esse respeito, Cavalcante e Brito (2017) explicam que as diferentes escolhas textuais que o sujeito faz sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o não apenas em função de seus (prováveis) interlocutores, mas também dos papéis sociais postos em cena durante as interações, são estratégias de persuasão.

Por isso, acreditamos que identificar e compreender a opacificação do dizer em seus diferentes modos de realização no texto, como propomos nesse estudo, é uma atividade relevante, sobretudo, por atender uma necessidade teórica dentro campo de estudos da Linguística Textual, a saber, investigar o caráter argumentativo das marcas de heterogeneidade enunciativa no texto.

Seguiremos, assim, o estudo proposto por Authier Revuz (2004) sobre as aspas e as categorias funcionais descritas pela autora, aliando-o aos fundamentos das técnicas argumentativas da Nova Retórica, de Perelman e Tyteca (2005), uma vez que propomos neste trabalho investigar o uso argumentativo das aspas.

No âmbito da argumentação, nossa opção teórica é pela Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), proposta de Ruth Amossy (2007, 2017), segundo a qual a argumentação é um princípio constitutivo de qualquer discurso, já que todo texto tem como fundamento último atuar sobre o outro, modificando modos de pensar, ver e agir através de estratégias diversas.

Neste estudo, as marcas de heterogeneidade serão analisadas do ponto de vista persuasivo, pois o que nos interessa é o fenômeno da modalização autonímica em suas realizações cotextuais em comentários de leitores em notícias que instigam polêmicas em portais de notícias em páginas do *facebook*.

A convocação da abordagem discursiva da argumentação proposta por Amossy se justifica na medida em que pode ser um veio de análise proveitoso para se pensar sistematicamente a constituição textual e discursiva da argumentação retórica no que a própria autora conceituou como polêmica discursiva: uma modalidade argumentativa que supõe uma oposição de discursos.

Quanto à escolha do gênero discursivo comentário para efeitos de análise, acreditamos que esses textos confirmam a conclusão de Amossy (2017) de que uma das principais características da polêmica é a polarização de pontos de vista, uma vez que seus autores quase sempre comentam o texto principal de modo a assumir um dos lados que debatem, assumindo o papel de Proponente ou de Oponente.

A análise de comentários também será importante para problematizar a distinção feita por Amossy entre visada argumentativa e dimensão argumentativa, pois, algumas vezes, textos desse gênero instigam polêmicas que se apresentaram apenas de forma latente em discursos que comportam, tão somente, dimensão argumentativa, mas que são potencialmente polêmicos.

Desse modo, sendo um fenômeno constitutivo da linguagem, levantamos a hipótese de que a modalização autonímica pode funcionar como uma estratégia argumentativa e, por isso, propomo-nos analisar as funções persuasivas desse mecanismo textual no gênero discursivo comentário, dando início, assim, a um diálogo que nos parece produtivo para a compreensão da tessitura argumentativa em textos enquadrados em certos gêneros de discurso.

Heterogeneidade mostrada: as aspas

Para Authier-Revuz (2004), as aspas são formas marcadas que podem ser identificadas na superfície textual, e que dão uma complexificação ao termo aspeado, indicando a heterogeneidade na fala do enunciador, que lida a todo instante com diversas vozes discursivas. As aspas possibilitam, dessa forma, um distanciamento protetor do locutor com o seu discurso presente no texto. Para a autora, esse distanciamento que o sujeito pode dar ao seu texto, tem dois valores diferentes: a autonímia e a conotação autonímica. As aspas de autonímia são as utilizadas pelo locutor, de maneira que faz apenas *menção* ao signo linguístico e não ao *uso* da palavra entre aspas, como nos seguintes exemplos:

- (1) Ele disse: "I don't mind".⁴
- (2) a. A palavra "caridade" tem quatro sílabas.
b. A palavra "caridade" realiza boas obras.

No caso das aspas de conotação autonímica, tem-se não apenas a menção ao signo linguístico, mas também um uso duplicado em que o significado da palavra ganha reflexividade integrando a significação a elementos do contexto. Caracterizando as aspas de conotação autonímica, a autora traz algumas considerações com relação aos seus usos e efeitos de sentido. Diferentemente da abordagem das aspas pela tradição gramatical, as aspas são colocadas na proposta da autora, em um plano da linguística da enunciação, como um “corpo estranho” que se mostra no texto revelando a

⁴ Exemplos da autora, na obra “Entre a Transparência e a Opacidade”, Authier-Revuz (2004)

heterogeneidade discursiva realizada pelo locutor. Este se distancia do seu dizer, protege-se e guia o interlocutor a determinados caminhos interpretativos:

As aspas estão presentes em uma fala sob vigilância, sob controle, uma fala "mantida", em um terceiro sentido; aquele em que se diz que "se mantém seu cachorro, seus empregados, sua casa" ou que "se sabe se manter". Opõe-se a uma fala do "deixar acontecer", abandonada a si mesma, que se perde. Nesse sentido, pode-se considerar as aspas como "antilapso". (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.219)

Authier-Revuz postula dessa maneira, as seguintes funções para as aspas de conotoção autonímica:

a) Aspas ostentatórias - de narcisismo ofensivo

As aspas ostentatórias são aspas utilizadas de forma exagerada, quando o locutor deseja ressaltar a sua irredutibilidade diante das palavras que deseja usar, como se almejasse diferenciar o seu dizer do dizer do outro, reforçando a ideia de que as palavras que ele utiliza são exatamente aquelas que foram colocadas no texto, ressaltadas como elementos entre aspas. A seguir, o exemplo da autora ilustra esse tipo de utilização:

(2) O que provava que eu era perfeitamente capaz "de assumir" (abra aspas, por favor) minhas próprias responsabilidades. Dá-se dez passos para frente e, depois, deve-se dar quatro para trás para que isso se ajuste bem com a realidade "sociológica" (por favor, coloque de novo aspas ...), com a sensibilidade das pessoas, quero dizer ... " Tenho um modo muito pessoal de considerar minhas relações com os homens. Tenho com eles relações "de identidade" (abra novamente aspas, por favor) completamente naturais. Nunca fomos "militantes" (quanto às aspas, é a última vez, prometo). (F. Magazine, juillet-aout 1979, p. 23-24-25).

Para Authier (2004), essas aspas utilizadas expressam um narcisismo ofensivo, no qual o enunciador demonstra que é irredutível com relação às palavras que quer expressar no texto, como se explicasse para possíveis leitores que as palavras escolhidas eram, precisamente, aquelas expressas.

b) Aspas de familiaridade, aspas de condescendência e aspas pedagógicas

Assim como as demais aspas, estas constituem palavras "deslocadas" nos textos e, por demarcarem um espaço discursivo pertencente a outros discursos, são como espaços em branco, que tentam ser preenchidos, ou explicados pelo enunciador. As aspas de familiaridade, assim como as de condescendência e as pedagógicas, são utilizadas pelo enunciador para tornar o texto mais acessível ao público leitor, são utilizadas para

indicar que o autor, usualmente, não diria com aquelas palavras, mas, para garantir que o leitor compreenda o texto, ele utiliza paternalmente aquelas palavras, mas colocando-as entre aspas para distanciar-se delas. Ocorrem, por exemplo, em textos com termos estrangeiros, neologismos, ou textos científicos com termos técnicos que são trocados por palavras mais populares. Vejamos a seguir o exemplo da autora:

(1) *Ora, muitas vezes, essa atividade das células se torna lenta. A pele, especialmente se for seca ou fina, "estica" e "fica marcada" por qualquer coisa. (Publicidade de produto de beleza, em Elle, 1980, exemplo da autora).*

Neste exemplo retirado de uma publicação de revista, o termo entre aspas foi utilizado pelo autor para que seu texto fosse compreendido pelo leitor. Ele provavelmente utilizaria termos técnicos, mas, para garantir a compreensão, utiliza palavras populares, colocando-as entre aspas e demarcando, dessa forma, seu distanciamento e a relação com o outro.

c) Aspas de proteção

As aspas de proteção são utilizadas para demarcar um termo aproximativo, poderia não ser exatamente aquela palavra que deveria ser utilizada, mas, embora não seja a mais adequada, o locutor a utiliza mesmo assim, colocando-as entre aspas para proteger-se de potenciais julgamentos de interlocutores. São, portanto, aspas que demarcam uma fala receosa de um locutor que se descompromete com aquilo que foi dito. Contrariamente, existem também as aspas que podem ser utilizadas como um questionamento ofensivo, no qual o locutor não tem medo de empregar determinada palavra, mas demonstra sua inquietude pela utilização do termo aspeado, que na sua opinião não deveria ser aquele. Vejamos, a seguir, no exemplo da autora, o uso do termo “acidente”, usado pelo locutor com uma ideia de discordância com relação a essa utilização no contexto em questão. *“Toda criança que vem ao mundo por ‘acidente’ pode muito bem ser, de fato, inconscientemente desejada. (Cahiers du C.E.R.M., n. 163, p. 102)”*.

d) Aspas de ênfase

As aspas de ênfase são utilizadas pelo locutor não para manter um distanciamento e descompromisso com aquilo que foi dito, mas para reforçar a ideia de que as palavras que deseja utilizar são exatamente as que foram escolhidas, como vemos no exemplo abordado pela autora na citação abaixo:

*Que partido tomar? Em quem se deve acreditar? E como você pode manter a cabeça fria face aos debates cada vez mais numerosos, cada vez mais apaixonados, que sacodem nossa sociedade [...]. Sobre todos os assuntos [...] LA CROIX lhe traz as informações, as precisões, os números, graças aos quais você formará uma opinião ("sua" opinião) e graças aos quais você não se deixará enganar com facilidade.
(Publicidade em La Croix)*

Dessa forma, ao propor as funções de sentidos das aspas, Authier-Revuz desmistifica a ideia de se conceber um discurso “ideal”, ao mostrar que a linguagem é constituída por falhas, desvios, incompletudes, descentralizando a falsa ideia de linearidade discursiva e transparência das palavras, mostrando que o sujeito enunciador não tem o total domínio do seu texto e que a sua voz é sempre permeada por outras vozes, com as quais o sujeito lida ao se distanciar e se proteger dos discursos outros.

Nesse sentido, acreditamos que as aspas podem ser utilizadas como um recurso persuasivo, uma vez que o locutor faz intencionalmente suas escolhas de palavras e a todo instante brinca com os sentidos, orientando o interlocutor para determinados caminhos interpretativos, tornando-se, assim, mais persuasivo.

A Teoria da argumentação no discurso

No campo da argumentação retórica, convocamos para essa pesquisa a teoria da argumentação no discurso, de Ruth Amossy. A proposta da autora é de uma reorientação dos estudos retóricos, de modo que a argumentação possa ser integrada à análise do discurso, pois, durante um longo percurso teórico, essas duas áreas permaneceram separadas.

A análise do discurso, por um lado, e as teorias da argumentação ou da retórica, por outro lado, nem sempre caminharam juntas. A arte da persuasão parecia demasiadamente contaminada de intencionalidade, muito pouco sensível às determinações sociais e às relações de poder para atrair a atenção dos primeiros analistas do discurso. Nesse sentido, estes, na esteira de Pêcheux (1969), buscaram identificar no texto a ideologia que o inspirava e denunciavam a ilusão do sujeito como dono de significações. (AMOSSY, 2016, p.1)

A autora defende a ideia de que a argumentação deve ser analisada considerando os fatores que influenciam o sujeito, pois está inserida em uma determinada sociedade, em determinado contexto e situação de comunicação,

na qual os argumentos utilizados pelos sujeitos atuantes podem ou não ser aceitos, e portanto, são particularidades de cada sociedade.

Os argumentos se constroem na densidade do discurso e só fazem sentido no interior da rede interdiscursiva e do contexto comunicacional em que operam. Portanto, é preciso compreender como eles se tecem no texto, como se integram em uma dinâmica em que as tentativas de agir sobre o outro mobilizam os meios verbais mais diversos, segundo quais modalidades o discurso se situa numa troca global considerada por argumentos preestabelecidos, e quais funções sociais ele cumpre em um espaço sociocultural particular. (AMOSSY, 2016, p.6)

Dessa forma, a autora amplia as possibilidades de análise dos argumentos, uma vez que estabelece uma interface entre a análise do discurso e a argumentação retórica. No entanto, a autora, apesar de partilhar pressupostos comuns, foge a um princípio considerado fundamental pela retórica tradicional: a ideia de que os argumentos e as interações devem levar a um consenso. Para Amossy, é no dissenso que se pode garantir a democratização no espaço público, pois, não necessariamente, os sujeitos precisam chegar a uma mesma opinião. A situação em que os atores sociais se engajam num debate inconciliável é o que a autora denomina como uma modalidade argumentativa polêmica.

Para a autora, a polêmica é uma modalidade argumentativa que se caracteriza pela dissensão, ou seja, trata-se de argumentos antagônicos que jamais alcançarão um consenso entre os sujeitos participantes da interação. Por essa razão, a modalidade de argumentação polêmica tem sido durante muito tempo desprestigiada, considerada como uma forma não eficaz para garantir o princípio básico da argumentação retórica, que é levar ao consenso.

Como decidir que ação tomar, como gerenciar um grupo e dirigir uma política, se não se consegue chegar a um posicionamento consensual? Sem dúvida, a divergência de opiniões e a discussão contraditória surgem como necessárias. Mas elas são consideradas como uma etapa, um estágio a ser superado. Diferentes enquadramentos discursivos e institucionais têm sido estabelecidos para assegurar este resultado: a deliberação, a negociação, a mediação, a arbitragem, a ação judicial ou ainda a promulgação de leis que resolvam as disputas. A polêmica, como choque de posições antagônicas, aparece nisso como o parente pobre, quando não é simplesmente removida da lista. (AMOSSY, 2017, p.18)

Amossy (2017) traz algumas considerações importantes a respeito da interação polêmica. A primeira delas seria uma reformulação do sentido da palavra, pois *polêmica* tem sido compreendida muitas vezes de forma genérica e superficial, sendo caracterizada como todo e qualquer desentendimento e discordância. A noção de polêmica disseminada na sociedade, como, por

exemplo, no meio jornalístico, tem sido a ideia comum, sendo todo e qualquer assunto que gera discordâncias de opinião. A autora propõe, aqui, a polêmica em sentido mais complexo e reflexivo, elencando algumas características fundamentais que possam descrever a polêmica. Para Ruth Amossy, a polêmica deve, sobretudo, atender a um assunto de interesse público e, além disso, deve apresentar três traços: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro.

A dicotomização é para autora, em um primeiro momento, uma característica pela qual a polêmica se distingue. É a partir do desacordo de opiniões no espaço público que o conflito se desenvolve, no entanto a dicotomização ocorre apenas em um plano lexicográfico, abstrato, em que forças argumentativas são colocadas em choque; trata-se da existência de temáticas que são opostas dentro de uma determinada sociedade.

Se tomarmos o exemplo de: direita/esquerda, igualdade/desigualdade, justiça/injustiça, coletivismo/individualismo, pacifista/beligerante, tolerante/intolerante, percebemos logo que essas oposições não são absolutas; elas dependem de quadros socioculturais, de crenças de base, de necessidades argumentativas, de circunstâncias históricas etc (AMOSSY, 2017, p.52)

A dicotomização pode ser entendida, portanto, como os blocos argumentativos antagônicos em um sentido abstrato, existentes em uma determinada sociedade, que radicalizam o choque de opiniões e levam o debate por caminhos extremamente opostos, excluindo a possibilidade de se chegar a um consenso. Já a polarização, também chamada de divisão social, consiste na participação de sujeitos, ou seja, indivíduos concretos que sustentarão um ou outro ponto de vista dos polos argumentativos da dicotomização. A polarização exige, portanto, Proponente e Oponente, sujeitos sociais que representam grupos, identidades e ideologias, que se posicionarão e sustentarão argumentos antagônicos, mas que não visam convencer um ao outro, mas a um terceiro, ou seja, o público que é mobilizado em torno de uma polêmica, que gira em torno de um assunto de interesse coletivo. É nesse embate de opiniões que a autora observa uma outra característica da polêmica: a desqualificação do outro. É nesse jogo polifônico que um sujeito tenta desqualificar não apenas um discurso ou um argumento, “mas o próprio sujeito que se vê atacado, naquilo que ele

representa” (AMOSSY, 2017), pois os argumentos sustentados revelam uma imagem, um papel social, um grupo, uma identidade à qual esse sujeito pertence.

Com base nisso, pretendemos, para fins analíticos, observar os comentários de internautas em notícias que provocam polêmicas nas páginas de redes sociais como o *facebook*, analisando as estratégias argumentativas presentes nos textos de modo a tornar seus argumentos mais persuasivos, na tentativa de desqualificar o adversário. Consideramos que os comentários de notícias são uma forma bastante acessível de promover a interação dos mais variados grupos de sujeitos sociais a respeito de contextos nos quais estão inseridos.

Análise do exemplário: as aspas como uma estratégia persuasiva

A partir das considerações apresentadas por Authier-Revuz sobre as funções da conotação autonímica nos textos, pretendemos analisar as aspas como um recurso argumentativo, uma vez que os usos dessas marcas no texto exercem efeitos de sentido que orientam a interpretação dos leitores. As estruturas marcadas permitem que o locutor mantenha um distanciamento de seu texto, afastando-se assim, da responsabilidade com seu discurso. Esse distanciamento é realizado intencionalmente pelo sujeito que através das mais variadas formas, busca agir sobre o outro, orientando seus modos de interpretar as ideias do texto.

Nas análises dos comentários de notícias feitos por usuários do *face book*, podemos observar por meio das interações polêmicas, o dialogismo existente na relação entre discursos, e as estratégias persuasivas utilizadas pelos locutores em seus textos com o objetivo de desqualificar a tese do seu adversário. As aspas de conotação autonímica são formas frequentemente utilizadas pelos internautas para retomar o texto do Oponente, seja para ironizar, reformular ou discordar. Através das marcas de heterogeneidade, o sujeito ataca o discurso do outro, modificando o grau de comprometimento com aquilo que se diz no texto. Vejamos nos exemplos a seguir, o emprego das palavras entre aspas e os diferentes efeitos de sentido e persuasivos que elas podem causar:

Exemplo (1):

Nas redes sociais, a boneca aparece com peça de roupa com a frase Love Wins. #opovo



Barbie veste camisa que apoia luta LGBT
opovo.com.br

Comentário 1: Glediston Arruda: Esse Mês eles irão vender mais com esse grande “apoio”

Comentário 2: Leonardo leo: Errado não sou homofóbico mais não compraria para minha filha

Comentário 3: Thiago Makoto: “Não sou homofóbico, mas (mas e não 'mais)...”
Não fio, pare por aí, já começou mal.

Comentário 4: Enio Romagnome: Olha o processo chegando na sua casa.

As aspas funcionam como uma marcação da exterioridade no discurso, evidenciando a relação de dialogismo entre os sujeitos de seus discursos. A notícia do exemplo (1) fala sobre a divulgação do lançamento da boneca Barbie, que nesta versão viria vestida com uma camisa com frase “Love wins”. Trata-se de uma camisa em apoio à comunidade LGBT, em combate ao preconceito e à homofobia, e que provocou inúmeras discussões polêmicas nas redes sociais.

Podemos observar, nos comentários selecionados, a formação de blocos antagonicamente argumentativos, que levam a uma polarização dos sujeitos sociais que os sustentam. No comentário 1, o internauta faz uso das aspas e coloca em questão o sentido da palavra aspeada, gerando uma reflexividade no leitor. O locutor leva o leitor a interpretar suas intenções argumentativas de que a marca lançou a boneca não para de fato dar “apoio” à causa, mas supõe que se trata de uma estratégia de *marketing* para aumentar as vendas. Vemos, portanto, que o locutor se distancia do seu discurso ao colocar o termo entre aspas, dando a ideia de que o outro utiliza esse termo em seu texto, mas que ele preferiria chamar de outra coisa, questionando, assim, a utilização de determinada ideia, mas ao mesmo tempo se protegendo através do distanciamento da conotação autonímica no texto. Já no comentário de número (2) e (3), observamos mais claramente a argumentatividade dos elementos autonímicos e a formação dos blocos antagonicos característicos da argumentação polêmica.

No comentário (2) o sujeito atuante expressa uma objeção à utilização da boneca por suas crianças. Em seguida, formaram-se blocos argumentativos opostos: de um lado, aqueles considerados homofóbicos, preconceituosos e defensores do conservadorismo e dos valores morais; e, de outro, os que defendem o respeito e a igualdade de gêneros na sociedade. São opiniões opostas, que desencadeiam o conflito e a interação polêmica, em que ambos os adversários tentam desqualificar o outro.

No comentário 3, o locutor utiliza as aspas não apenas para retomar o discurso do outro, mas para ridicularizar seu oponente. Amossy afirma que:

Para essa retomada discriminadora ser percebida pelo auditório, é preciso que os traços do dialogismo conflituoso possam ser detectados –seja porque marcas visíveis os salientam no seio do contradiscurso (como o discurso reportado ou a transformação negativa), seja ele ainda por ser chamado a ser reconhecido pelo auditório em função de um saber contextual. A polêmica não pode ser reconhecida como tal sem que seja recuperado e reconhecido o discurso atacado no texto do atacante. (AMOSSY, 2017, p. 59)

Observamos, dessa forma, o papel das aspas para a retomada do texto pelo Oponente no comentário (3), ridicularizando e ironizando através da grafia incorreta do “mais” ao invés de “mas”, desqualificando não só o discurso homofóbico, mas também lançando um descrédito sobre o sujeito que sustenta esse discurso feito no comentário (2).

No comentário (4), observamos a manifestação do público em resposta ao comentário homofóbico, que se posiciona no bloco argumentativo em defesa do viés da campanha e argumentando também contra o comentário preconceituoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes apontamentos aqui discutidos nos permitem ampliar a utilização das aspas de modo que as estruturas autonímicas sejam compreendidas não somente como marcas que revelam a heterogeneidade no dizer, no plano da enunciação, mas também os recursos persuasivos, uma vez que as marcas da autonomia pressupõem um dialogismo discursivo e apontam para um sujeito não homogêneo que as utiliza intencionalmente. A depender de seus propósitos argumentativos, o sujeito tenta não apenas se distanciar do seu discurso e se proteger dos ataques dos Oponentes, mas também se tornar mais persuasivo.

Compreendemos ainda que, nessa interação dialógica, a argumentação retórica integrada à análise discursiva nos permite compreender com maior amplitude as

estratégias argumentativas utilizadas por esses sujeitos sociais, através das interações polêmicas no espaço público. Os sujeitos, como atores sociais, tentam desqualificar o outro, utilizam-se das mais diversas formas de se fazer convincente, sobretudo das formas autonômicas marcadas, não só para retomadas do texto do outro, mas também para a reformulação, ridicularização e desqualificação não apenas do discurso, mas também da pessoa que o sustenta, orientando o público, através dos jogos de sentidos para diversos caminhos interpretativos.

Observamos ainda que a polêmica, como uma modalidade argumentativa, permite aos sujeitos participarem de interações que não necessariamente levam a um consenso, mas, sim, a um dissenso sem fim. Todos podem participar ativamente das interações polêmicas nos contextos sociais nos quais estão inseridos, no momento em que elas ocorrem. Isso confirma a afirmação da autora de que o dissenso, contrariamente à ideia negativa que se tem, pode ser uma forma de gerir o desacordo, como numa democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, 2007, p. 121-146.
- _____. Apologia da polêmica. São Paulo: Contexto, 2017.
- AUTHIER-REVUZ, J. Algumas considerações sobre modalização autonômica e discurso outro. In: **Letras de hoje**, vol. 34, n. 2, p. 7-30. Porto Alegre, jun. 1999.
- _____. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2004.
- BRITO, M. A. P. 2010. Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência. Fortaleza, CE. Tese. Universidade Federal do Ceará – UFC, 213p.
- _____. O uso argumentativo das não coincidências do dizer. **ReVEL**, v. 14, p. 207-229, 2016.
- CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. P. Linguística textual e as Heterogeneidades Enunciativas. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. Linguística Textual: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2016
- PERELMAN, C.; TYTECA, O-. Tratado da argumentação: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.